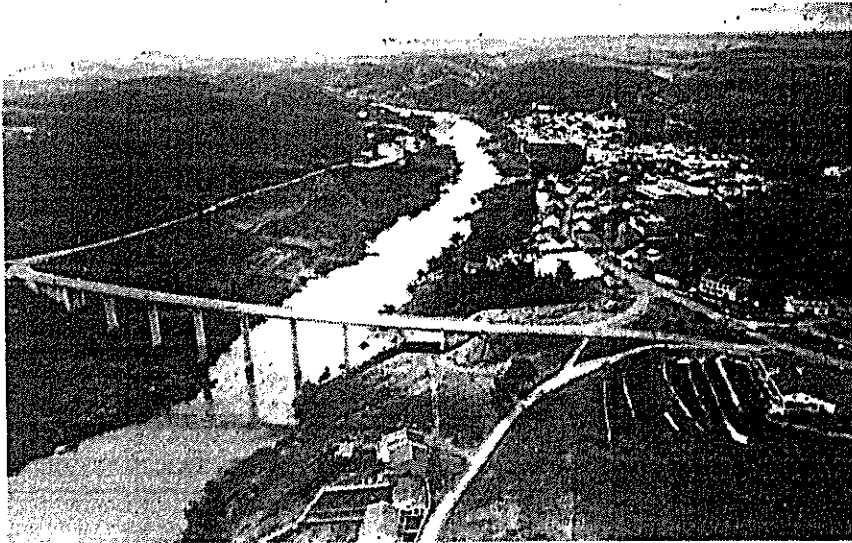


CONGRESSO SOBRE CERÂMICA ACABA EM VISITA

EM Mértola a história não se aprende; sente-se, através dos vestígios seculares achados em cada esquina. Uma visita, sábado e domingo, àquela vila do sudoeste alentejano, e também a Vilamoura e Silves, mais a sul, encorrou os trabalhos do IV Congresso da Cerâmica Medieval do Mediterrâneo Ocidental, que trouxe ao auditório da Fundação Calouste Gulbenkian arqueólogos da França, Itália, Espanha, Turquia e Marrocos. Longe do ser pacífica, esta localidade veio, antes, suscitar dúvidas sobre algumas concepções em torno da presença árabe na Península, presença essa que tem em Mértola um campo optimizado de estudo.

«Tal como hoje os vermelhos fazem o papel de inimigos nas manobras militares, foram sempre os sarracenos a suportar no costado o aliado gume dos ferros defensores da cruz, da civilização, da Europa», afirma o dr. Cláudio Torres, principal animador da «desbravação» arqueológica que

MÉRTOLA É VILA-MUSEU DA PRESENÇA ÁRABE NO PAÍS



Recuperar a importância do Guadiana, desactivado como via, está nos projectos camarários da vila alentejana

está a ser elocuada em Mértola há praticamente 10 anos.

Esta posição contumeliosa, e não menos desafiadora da história «oficial», assenta, sobretudo, na realidade que está a ser posta a descoberto na vila, demonstrativa da coexistência pacífica entre os seguidores do Islão e os da Bíblia.

De acordo com o dr. Cláudio Torres, «havia uma grande confusão religiosa» entre os habitantes da Península antes da chegada dos árabes. Eles aparecem como simples mercadores que sobem o Guadiana e não como guerreiros ferozes, e «naturalmente foram-se impondo».

Bom exemplo de uma vizinhança não agressiva será o facto de terem sido descobertas ossadas de muçulmanos e cristãos enterrados lado a lado nas cercanias da mesquita de Mértola. A única diferença reside na posição dos cadáveres, com os primeiros deitados de lado e os segundos de costas.

Para Cláudio Torres, serão os francos (os habitantes não naturais da

Península Ibérica) que, a partir do Norte, trazem a guerra ao Sul, matando uns e outros devido à incapacidade de descobrir a diferença entre os que professam esta e aquela religião. Como prova visível desta teoria estarão os 18 restos humanos encontrados no criptopórtico, para ali atirados pelos verdadeiros invasores na época da chamada Reconquista.

Curiamente, a riqueza de Mértola e regiões limítrofes fora já alvo da visão dos romanos. Sob as residências árabes, postas à luz do dia pelas escavações que ali se fazem todos os anos, encontram-se casas romanas. Aliás, a remodelação recente do interior do edifício camarário da vila pôs a descoberto uma «vila», que pode ser visitada por quem desça ao piso inferior do prédio.

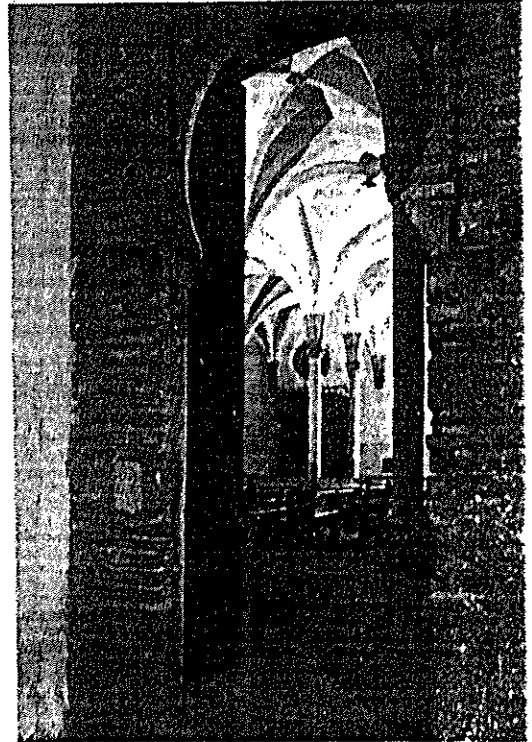
Mas o melhor exemplo das civilizações que habitaram Mértola vem da mesquita, agora igreja, a mais bem conservada do País e motivo de orgulho para os locais. Primeiro terá sido um templo romano, de que só sobram as colunas centrais, depois

mesquita, como se verifica, entre outras coisas, pelo formato das portas, e, mais tarde, igreja cristã, tendo sido abobadado o tecto, tapadas as entradas e colocado o púlpito.

Vila-museu

Além das explorações arqueológicas que estão a ser efectuadas, e da mesquita, outros exemplos subsistem da presença árabe. A equipa dirigida pelo dr. Cláudio Torres optou por parar as escavações no estrato registado como muçulmano, uma vez que poucas amostras da sua presença existem em Portugal, ao contrário do que acontece com os ocupadores virtuosos de Roma.

O castelo, o Museu de Mértola (onde estão guardadas algumas peças historicamente preciosas), o túmulo Museu Islâmico (já com edifício e milhares de cacos que aguardam recuperação para ali serem expostos), um próximo museu de arte sacra, e ainda a exposição, devidamente enquadrada, dos túmulos que existem



Mesquita de Mértola: portas árabes, colunas romanas e abóbadas cristãs

frontero ao quartel dos bombeiros, são ainda grandes razões para apostar em Mértola como centro histórico de importância vital para o conhecimento aprofundado da presença árabe no nosso País. Aliás, existe já um projecto para transformar a pacata vila alentejana num pólo de atracção turística.

O esforço da municipalidade (que destina o orçamento recorde de 23 por cento do total para as actividades culturais da vila) é plenamente justificado. Entre outras razões porque, como nos dizia um funcionário, «sempre que cavamos aparece algo

da nossa história», e também porque não se vislumbram alternativas viáveis para a fixação da população, dada para o estrangeiro ou Algan.

Neste sentido, o dr. Cláudio Torres em perfeita sintonia com a Câmara Municipal de Mértola, tem conseguido sensibilizar a população para o processo de optar pela «Mértola histórica». Assim, são grupos de habitar que conservam as antiquíssimas portas religiosas que estavam espalhadas pelo concelho, estando a também reintroduzido o fabrico de tapoçarias típicas da região.

A Capital

Data: 23/11/87

LISBOA